

## EDITORIAL

Percorrer os insondáveis labirintos da *linguagem* e da *subjetividade* humana nas veredas da Diferença constitui para a nova edição da *Artifícios*, que ora se apresenta ao público, um importante desafio. De filosófica, a poética, a literária, a musical, a científica, a midiática, a discursiva, a biográfica, a dramática, a historiográfica, a pedagógica, a erótica... as linguagens dos/as autores/as que se embrenham nesta tessitura de palavras e paisagens incomuns se transmutam e se recriam num vaivém de sentidos sempre incapturáveis.

Sem jamais reivindicarem o domínio incontestado de sentidos que veiculam verdades, os textos que aqui se dispõem trazem consigo “as marcas babélicas da pluralidade, da contaminação, da instabilidade, da confusão” (LARROSA, 2004, p. 69) e compartilham a fecundidade da palavra que está por vir na interação com o/a leitor/a.

Liberta dos grilhões (antigos e modernos) do cânon do conhecimento que arrastaram a linguagem a um submundo sombrio, “representativo”, “reprodutivo” das verdades produzidas por um Sujeito cujo ardor “racional”, “autônomo”, “moral” resguardara a alcunha da verdade, as linguagens aqui evocadas se erguem como potência criadora e transgressora para ativamente produzir, fabricar, inventar, dissimilar, falsear, deslocar, adiar sentidos, discursos, sujeitos, objetos, situações, realidades dos quais fala ou silencia. Assumindo a perspectiva da Diferença, com seus deslocamentos temáticos em torno da linguagem e da subjetividade, as múltiplas linguagens e textos compostos nesta edição da *Artifícios* não visam a erigir uma Linguagem assim no singular e com maiúscula, única e universal, e sim demarcar sua contingência e seu aspecto turvo e fugaz tão bem grafado por Carlos Drummond de Andrade em seu Poema das Sete Faces: *Quando nasci, um anjo torto desses que vivem na sombra disse: Vai, Carlos! Ser gauche na vida. [E adiante...] Mundo mundo vasto mundo/Se eu me chamasse Raimundo, seria uma rima, não seria uma solução/Mundo mundo vasto mundo/Mais vasto é meu coração. Mais vasto é esse universo de linguagens e sentidos ladeados, de vozes convulsionadas, de subjetividades transmutadas ao sabor das sensações.*

Corroborar a “condição babélica da linguagem” como perspectiva da Diferença significa, nos termos aqui colocados, não somente afirmar que as linguagens são múltiplas e distintas tanto quanto as sociedades e as culturas que as constituem, mas significa, especialmente, que, por sua característica polissêmica, conceitos como o de identidade, de sujeito e de verdade entram em colapso, dando vazão a uma polifonia de vozes e linguagens cambiantes ao sem-sentido das coisas, as quais irão provisoriamente formar uma linguagem-*outra*, uma interpretação-*outra*, uma percepção-*outra*, aliadas do imperativo do “eu” e da “mesmidade”. Com os filósofos da Diferença (Nietzsche, Foucault,

Deleuze, Derrida, Blanchot, entre outros) aprendemos que as linguagens se metamorfoseiam como num jogo indefinido e inacabado de *interpretações* atravessadas por relações e forças que em nada asseguram o valor permanente das verdades; e, quanto à subjetividade, podemos inferir, em concomitância com essa linha de pensamento, que o lugar do Sujeito (moderno), celebrado historicamente como produtor de verdades e condutor de seu próprio destino, há muito se descentrou, tendo sua face desfigurada (como um rosto de areia) e sendo arrastado por discursos e circunstâncias que põem à prova a ascese de sua existência.

Situado na perspectiva da Diferença, o dossiê *Linguagem, Subjetividade e Educação* e seus experimentos de escritura, que compõem esta edição da *Artifícios*, apresenta-se ao/a leitor/a como uma abertura e um convite para adentrar nos labirintos da linguagem, da subjetividade e da educação por canais e adjacências livres, cujo percurso permita tecer palavras inauditas, ideias impensadas, cenários inviolados, tendo os olhos abertos e a boca desejosa de novos saberes e sabores em favor da vida e da criação; afinal, nos diz Proust (2011, p. 39): “Na medida em que a leitura é para nós a iniciadora cujas chaves mágicas abrem no fundo de nós mesmos a porta das moradas onde não saberíamos penetrar, seu papel na nossa vida é salutar”.

Nas composições que constituem o dossiê, percorremos, com **Gilcilene Dias da Costa**, em *Nietzsche e a linguagem extramoral: elementos para pensar/diferir a educação*, os labirintos da linguagem na Filosofia nietzschiana, em que a autora perscruta, com intensas marteladas, a partir da obra *Assim falou Zaratustra*, de Friedrich Nietzsche, uma linguagem transmutante, extravagante, extramoral, que possibilite pensar a educação nos trilhos de uma Filosofia da contestação e da Diferença.

A Filosofia contestadora da linguagem no estrado das identidades/diferenças permite também *Um percurso historiográfico sobre o nome*, no escrito de **Thami Amarilis Straiotto Moreira**, que problematiza, em um trajeto historiográfico, filosófico e linguístico, as noções de igualdade, diferença, arbitrariedade e jogos de linguagem nas descontinuidades e quebras das definições formuladas sobre o nome.

No caminhar da discursividade, o texto de **Gerlândia de Castro Silva e Josenilda Maria Maués da Silva**, *Da análise do discurso à apreciação das práticas discursivas: possibilidades metodológicas para a pesquisa em educação*, lança em perspectiva as possibilidades metodológicas que o trabalho com a análise foucaultiana permite para o sítio educacional, ao destacar a necessidade de se recorrer a rudimentos do pensamento foucaultiano, como saber, poder e verdade como conceitos capazes de contribuir para se pensar as questões educacionais.

Linguagem e Diferença atravessam a produção de **Maria Neide Carneiro Ramos**, *Linhas de uma vida*: contos, cantos, desencantos nas tramas, nos dramas que constroem uma docente singular, em que, em um exercício rememorativo em diálogo com a Filosofia da Diferença de Gilles Deleuze, cartografa, em alas fronteiriças de devires, a própria composição como professora de Ciências.

No tablado discursivo, encontramos, ainda, a produção *Construindo redes de interação: o chat randômico* como uma alternativa para a aprendizagem de língua, em que **Jesiel Soares Silva** exercita, em redes rizomáticas, experienciar um ambiente de aprendizagem na *web*, em que os sujeitos interajam de forma autônoma e colaborativa, considerando-se a Pedagogia de Paulo Freire e o hibridismo sugerido por Sharma e Barret.

Continuando o debate na seção **Artigos**, dialogamos com **Arlete Marinho Gonçalves** e **Maria Josefa de Souza Távora**, em seu *Projeto político pedagógico*: representações sociais elaboradas por professores da escola pública. O estudo problematiza as representações sociais de professores da escola pública acerca do Projeto Político Pedagógico e, orientado pelas formulações de Moscovici, considera este instrumento uma importante ferramenta de comprometimento docente.

Dos apetrechos que compõem a engrenagem educacional, o currículo é abordado por **Keite Alice Ramos** e **Ricardo Augusto Gomes Pereira**, no arranjo intitulado *Diálogo acerca da teoria do currículo na Amazônia paraense*: as vozes dos programas de pós-graduação em educação, em que colocam em discussão as matrizes teóricas da arena curricular a partir da produção discursiva dos programas de pós-graduação no Pará, verificando-se, dentre outros aspectos, a implementação de uma política cultural e de uma escrita identitária da diferença, negociada em contraponto às prescrições neoliberais.

O currículo é, também, lugar de engenho na produção *Juventude e cultura*: reflexões acerca das culturas juvenis no currículo escolar, em que **Cristiane Rodrigues Silva** e **Pâmela Costa da Silva** relacionam juventude e culturas juvenis, numa perspectiva sociocultural, com o currículo e o sítio educacional, ao enfatizar a necessidade de uma fissura no currículo escolar que propicie o diálogo com jovens e seus grupos a fim de ressignificar a ação pedagógica.

A maquinaria educacional torna-se, ainda, lugar de discurso sobre *A mídia televisiva favorecendo a aprendizagem de concepções sobre biodiversidade amazônica*: implicações para o contexto da sala de aula de ciências/biologia. Nesta produção, **Valdir Fonseca Barros** aborda as mensagens da televisão aberta sobre a “biodiversidade amazônica” e suas implicações no processo de ressignificação de tópicos correlatos abordados no ambiente escolar.

Diversidade/diferença atravessa a produção de **Ozivan Perdigão Santos** – *Pedagogia da diferença*: um debate multicultural na educação de surdos, que procura, entre o ambiente

perspectivado da diferença e do multiculturalismo, problematizar a educação de surdos a partir da Língua Brasileira de Sinais e a política educacional do bilinguismo, ao dar ênfase à reprodução social existente na escola que funciona como mecanismo de exclusão.

Em busca de inventar e recriar outros modos de construção do conhecimento **Rodrigo Aurélio Bruschi Gonçalves** e **Raquel Garcia Gonçalves** colocam em discussão as *Metodologias participativas na construção de saberes sobre a relação comunidade e escola*, texto em que os pesquisadores apresentam a metodologia participativa como possibilidade de investigação de discursos sobre a ética educativa e científica deste aporte na compreensão do espaço escolar.

Invenção, criação, adjetivações e diferença também motivam os autores da **Seção Experiências de Escrituras**. Nesta miragem, nos interpela o texto de **Cristiano Bedin da Costa**, que retira da palavra poesia e a materializa em *Dois cantos*: matérias de escrita, bem como a escritura de **Abilio Pacheco** – *Minha alma disporei em cantos* – que, em um exercício de tradução reinventiva e recriativa, parte de Ademir Braz à recomposição afetiva, incerta e lírica à cidade de Marabá.

Chamamentos reinventivos se encontram em *Versos livres, quase um conto no caminho da tese*, sobre as longas estradas de uma pesquisadora/escritora, **Adriana Claudia Martins Figuera**, a caminho de uma composição em forma de tese; no exercício de linguagem de **Cláudio Teixeira**: *Em fase*, que mistura sons, poesia e forma e no interpelamento ao sonho louco de amor de **Fernando Octavio Barbosa de Almeida**, em *Louco* - um homem que sonha.

Ao evocar Brodowski e Portinari, **Hadson José Gomes de Sousa** ressignifica as noções/sensações de liberdade em *Feito pipa...* Essa ressignificação é também experimentada na escritura de **Marcos da Rocha Oliveira** que conduz a sensações e miragens quem aprecia a *Orquestra textual Avalovara apresenta Satreopn*, e na *Estação eleitoral pervertida*, negada, indesejada, obrigada e sem sujeito de **Carlos A. G. Assunção**.

E, fechando esta apresentação, a instigante **Entrevista** de **Joyce Otânia Seixas Ribeiro** – *A erotização dos corpos femininos infanto-juvenis*: um desafio para a educação hoje – uma entrevista com Jane Felipe de Souza, sobre diferenças, abjeções, corpos dóceis, subjetivação e resistência, nos labirintos de Foucault, do gênero e da sexualidade.

Belém, agosto/2012

Gilcilene Dias da Costa  
Gerlândia de Castro Silva